

de uma mulher que observasse a depilação, ela também uma hóspede provável dessas visitas mensais à cera quente.

O que se poderia questionar no livro é a idéia de uma "natureza feminina e masculina" - não que isso esteja, repetimos, explícito. Mas muitos trechos passam a visão de um "feminino" arcaico, que incomoda. Para um livro que já no título se refere à possibilidade do feminino como invenção, há alguns escorregões em definições estereotipadas do que seja feminino: "(O travesti) tem do toureiro a coragem viril e intemorata, associada a delicadas e femininas preocupações com a aparência e o vestuário" (p. 37); "Tudo tão placidamente feminino, tão frívolo" (p. 41). Ou, ainda: "... o feminino é mais **feminino** que o feminino porque o primeiro é uma minuciosa e permanente (segundo a segundo) construção consciente, enquanto o feminino se produz natural e inconscientemente" (p. 134).

Aí a polêmica: Onde estaria na natureza a fonte desse feminino "natural"? Como conceber o feminino (ou o masculino) desentranhado da cultura?

Silva não incorre, porém, no erro de congelar os travestis numa identidade fixada para sempre. Os travestis mudam, hoje já não

correspondem "à imagem daquele travesti dos grifinhos e dos gestos descoordenados", já buscam "contenção e simplicidade", um vestuário mais prático (p. 38). Também muda o olhar da sociedade sobre eles: o livro sugere até uma possível seqüência, um estudo das *drag-queens*, dos que desfilam na MTV sem que sejam anunciados como bichos exóticos como sempre fizeram programas como o do Bolinha e do Silvio Santos. Hoje, a transitividade do travesti é apenas outra entre as tantas que o vídeo mostra, ao lado de DJs mal comportados, *punks*, *heavy-metals*.

Para além de todos os méritos de construção etnográfica e de escritura, é central em *Travesti* a afirmação do direito à liberdade de gênero. Além de escrever um livro pioneiro no tema, Hélio Silva, através dele, tira os travestis tanto do gueto quanto da vitrine e corajosamente se coloca ao seu lado, ao lado de quem, como ele diz, "se expõe, com tanto arrojo, a enfrentar todos os preconceitos e a passar todas as humilhações em nome da fidelidade a si mesmo, que é o que eles dizem explicitamente" (p. 99).

Etnógrafos a campo, a lição de escrita está dada.

CARMEN RIAL ■
GILKA GIRARDELLO ■

Riscados e fios soltos

Tessitura de Destinos. Mulher e educação - São Paulo: EDUC, 1993.

REIS, Maria Cândida Delgado.

São Paulo: EDUC, 1993.

Certamente os processos educativos, as propostas pedagógicas, as práticas disciplinadoras de homens e mulheres, em sua construção histórica e social, constituem um território fértil para problematização e questionamento. Curiosamente, no entanto, esse território parece ainda seduzir poucos estudiosos. Esse não é o caso, porém, de Maria Cândida Reis, historiadora, professora e militante feminista, que elege a educação de mulheres nas primeiras décadas deste século para objeto de sua investigação. Como nenhuma escolha é gratuita, seguramente a própria história da pesquisadora deve ter lhe sugerido o objeto, aguçado seu olhar, pro-

posto pistas, provocado lembranças. Por tudo isso, não estamos, pois, diante de uma pesquisa impessoal e marcada pelos moldes acadêmicos, mas frente a um estudo em que a autora é também, de algum modo, parceira e cúmplice das mulheres que está observando. Fica claro de que "lado" está Maria Cândida, mas seu posicionamento não implica falta de rigor ou criticidade, esses, ao contrário, evidentes na busca e no cruzamento das fontes e na análise sugestiva dos discursos - às vezes discordantes e contraditórios - dos sujeitos envolvidos.

Talvez pela frequência com que tenho me deparado com pesquisas preferenciosamente densas (mas que são na verdade agregados exaustivos de informações), é um alívio encontrar um texto singelo que descreve, traz indícios, faz e provoca análises.

Em pouco mais de cem páginas, a autora apresenta os resultados de uma investigação sobre "a formulação de lugares e imagens femininas no âmbito da instrução pública" desenvolvida em São Paulo, nas décadas de 1910, 20 e 30.

Na tentativa de apresentar e confrontar diferentes projetos disciplinares presentes naquele momento, Maria Cândida revelou-se criativa e atenta às possibilidades de fontes. Assim o livro se apóia em relatos oficiais, revistas femininas, periódicos de estudantes, jornais operários, depoimentos, fotos, inquéritos; lida com arquivos escolares e com obras literárias da época, e ainda se depara com fontes "inesperadas" (como, por exemplo, o registro escrito de crônicas radiofônicas de um programa da Rádio Tupi, dos anos 30!). Reunir, cruzar, articular e contrapor essas diferentes fontes supõe sensibilidade e exige uma ancoragem teórica.

Vale aqui fazer alguns comentários. Ainda que Joan Scott seja citada inicialmente, não me pareceu ser a historiadora feminista o apoio teórico mais efetivo do livro (até pelas implicações que essa autora tem com o pós-estruturalismo, tanto por seu uso do conceito de poder de Foucault, quanto por sua proposta de desconstrução inspirada em Derrida, e que não parecem ser consentâneas com a análise de Maria Cândida). De qualquer modo, Cândida segue a sugestão básica de Scott, ou seja, a do "gênero como categoria útil de análise histórica". Assim, o texto não é uma história exclusiva (e "guetizada") da educação de mulheres, mas, mais do que isso, enfocando processos de educação feminina, traz implícita e explicitamente os contrapontos masculinos desses processos. A análise de Cândida é marcadamente relacional: as mulheres são vistas em suas relações (relações com outras mulheres e relações com os homens). Deve ser notado que, em seu estudo, a autora privilegia duas instituições escolares públicas de São Paulo: a Escola Normal Caetano de Campos e a Escola Profissional Feminina do Brás. Daí o contraponto das normalistas e das moças trabalhadoras, numa busca "das contradições, convergências e divergências, presentes nos projetos disciplinares" do período. Esse trabalho de confrontação se expressa não apenas na análise das duas instituições, mas também no interior de cada uma delas, e ainda é perseguido em outras instâncias e fontes. Isso contribui para que Cândida não resvale numa simplificação de dois possíveis "modelos" femininos, bem como evita o erro comum de tomar como consensual ou único o projeto educativo e político que conseguiu se impor em dado momento (esse aliás um dos alertas de Joan Scott). No presente texto, portanto, ficam registrados, também, possibilidades que foram vencidas ou desviadas, projetos derrotados, vozes caladas.

Parece-me importante destacar que nesse livro a escola não é tomada por si e em si mesma. As práticas educativas e disciplinadoras das instituições escolares estão inseridas e articuladas às demais práticas que a sociedade e o Estado produzem e reproduzem naquele momento. Assim, a autora nos permite perceber o que chama de "flutuações da imagem feminina" - expressas e produzidas nos diferentes discursos das revistas, da moda, dos programas de rádio, do cinema; no coração das elites e no movimento operário. Aí ela aponta tensões e conflitos, não apenas com referência aos destinos femininos, mas também com referência às relações entre os gêneros.

Entrando mais diretamente na educação escolar, Cândida reconstrói a trajetória da inserção das mulheres na escola pública - como professoras e estudantes - e, com recurso de alguns discursos da época (escolhidos, na minha opinião, exemplarmente), retoma brevemente o processo de feminização do magistério, então já em pleno desenvolvimento no Brasil. Articula aqui suas análises às interpretações de Michael Apple, observando o aumento do controle e da regulamentação da profissão à medida que o número de mulheres aí cresce.

Como historiadora, Cândida está atenta para as transformações, continuidades e descontinuidades. Assim ela registra uma transformação nos discursos da escola e para a escola que, articulando-se às mudanças sociais mais amplas, vai da ênfase na ordem, na disciplina e na responsabilidade, para a racionalização das práticas escolares, acentuando a eficiência, a economia de tempo, de recursos e de dinheiro.

Ao reconstruir a educação de mulheres, a autora é particularmente sensível aos símbolos e aos indícios, sendo capaz de apontar ambivalências e ambigüidades nos discursos. As alegorias femininas, os usos iconográficos das publicações da época, as palavras que parecem deslocadas num texto (ou que parecem expressar o que não devia e não podia ser dito) são pontuadas pela autora (que às vezes acrescenta sua interpretação, outras vezes provoca o/a leitor/a através de uma pergunta).

É possível perceber que Cândida está trabalhando com linguagem e discurso não apenas como "representações objetivas" ou "meios de comunicação" de idéias, mas aproximando-se, como afirma em dado momento, das posições de Raymond Williams. O sentido de discurso em seu livro extravasa o entendimento estrito das falas dos sujeitos, podendo ser compreendido numa dimensão ampliada, envolvendo tam-

bém silêncios, gestos, práticas. Por isso acho que posso, de algum modo, discordar quando ela afirma que as moças da Escola Profissional, diferentemente das normalistas, "não produziram discursos e publicações", "não deixaram os mesmos vestígios discursivos e sua memória foi precariamente preservada". Como a própria autora lembra, "no fazer de suas atividades artísticas (essas moças obreiras) preenchem o silêncio de seus discursos textuais. É o discurso silencioso do bordado". Na verdade, as jovens do Brás, "trabalhando com as mãos", lidando com os tecidos, produzindo bordados, chapéus, desenhos, iam também construindo seus discursos, deixando seus vestígios, registrando suas histórias.

Cândida chama atenção para a presença do tecido nessa escola profissional: o tecido que é matéria-prima e produto de muitas das atividades a que as alunas se dedicam (e que a autora sabe associar a outras histórias femininas, vindas de representações e mitos ou da inserção concreta no mundo da produção). Suas associações provocam no/a leitor/a ainda outras, e podem nos levar a pensar numa recorrente tarefa feminina que consiste em tecer, unir, costurar, ligar; formar redes, fazer e garantir laços...

A própria autora parece se entregar também a um trabalho de tecer. Cândida, assim como as mulheres que observou, também pro-

curou construir um tecido e talvez até tivesse um "riscado", um projeto, que pretendia seguir fielmente. Mas, como ela mesma afirma, o trajeto que estava previamente marcado foi muitas vezes desfeito e desviado pelos encontros de documentos, pessoas, por discussões, enfim pela imprevisibilidade inerente às investigações. Felizmente ela parece ter se deixado guiar por esses imprevistos e encontros.

Quase ao final do livro, ela usa a imagem de "fios soltos da trama", para se referir às mulheres que "recusaram os destinos projetados", às que "apontaram outros caminhos" ou "romperam liames". Esses "fios" (essas mulheres) são para mim, contudo, partes da trama, não se separam dela, pois penso que suas resistências são tão integrantes das relações sociais quanto as manifestações de aceitação e obediência

Todas essas possibilidades - inclusive a de outras leituras - estão presentes no texto, o qual, não por acaso, termina propondo questões e sugerindo outros possíveis "riscados" a serem seguidos. Penso que assim Cândida nos ajuda, e também nos ensina, na medida em que reflete sobre algumas histórias de educação feminina e não pretende impor sobre essas histórias um olhar definitivo e definidor, convidando-nos, ao contrário, a continuar o diálogo.

GUACIRA LOPES LOURO ■

Igualdade na diferença: mulher, trabalho, cultura e política no Brasil

Mulher Brasileira é Assim.

SAFFIOTI, Heleieth I. B. e VARGAS, Monica Muñoz (org.).

Brasília: Rosa dos Tempos/NIPAS-UNICEF, 1994.

Traçar um quadro sobre a situação da mulher em várias dimensões da vida social brasileira já é, em si, uma contribuição extremamente bem-vinda não só para o mundo acadêmico e para as mulheres, como para o público em geral. Fazê-lo com rigor analítico, agregando dados quantitativos sem perder de vista o horizonte da mudança social, é melhor ainda.

Este é o caso de *Mulher Brasileira é Assim*, coletânea de artigos organizada pelo Núcleo Interdisciplinar de Pesquisa e Ação Social do Rio

de Janeiro - NIPAS, sob coordenação de Heleieth I. B. Saffioti e Monica Muñoz Vargas, e publicada pela Editora Rosa dos Tempos com apoio da UNICEF. Reunindo textos sobre Educação, Trabalho, Saúde, Violência, Identidade, Participação Política, Direitos e Legislação, o livro contempla um amplo espectro de questões a partir da perspectiva do gênero, e da riqueza da conotação social e relacional implícita nessa categoria de análise.

O artigo de Fúlvia Rosemberg sobre a educação de mulheres jovens e adultas descreve e analisa a participação das mulheres no quadro da educação formal no Brasil. A autora problematiza, cruzando e recuperando dados censitários, a aparente equalização das oportunidades educacionais para os sexos.